

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR : GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,5000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

ASPECTOS SOCIAES

A caridade e as diversões

Já há algum tempo que, procedente da terra estrangeira, se introduziu entre nós um costume que se váe naturalizando e constituindo um uso, merecedor de severa condemnação.

Referimo-nos ao que costumam praticar certas corporações que se dizem de caridade e até algumas irmandades e confrarias piedosas, que vão buscar recursos para a continuação e desenvolvimento das suas obras a espectáculos publicos mais ou menos decentes, que se offerecem ao publico com o fim de o atrahir.

Não ignoramos que isto é um meio efficaz de fazer entrar o dinheiro em cofre, e que arrecada no thesouro de pobres, que é o de Deus, importantes sommas que por outros caminhos jámais conseguiriam reunir-se; nem para nós é segredo que este systema tem panegyristas entusiastas, não só entre as pessoas avidas de diversões e prazeres, mas ainda entre muitos outros individuos que a todos os criterios antepõem o criterio da utilidade.

Mas precisa-se apenas d'um pouco de bom senso christão para comprehender que faz repugnante liga, o que tão puro é, tão grande e tão santo como as emprezas catholicas de caridade e os actos de piedade christã, com o que é tão terreno, tão pequeno e tão humano como os passatempos e os gosos mundanos.

Essa união de coisas tão heterogeneas chega ás vezes a ser mais que repugnante e a merecer o qualificativo de horrivel e sacrilega, e acontece isto quando os espectáculos, alem de serem meramente profanos, se oppõem por uma forma mais ou menos clara aos preceitos da santa moral.

Isto desgraçadamente vê-se tambem e vê-se com frequencia.

Em diversas localidades, para soccorrer indigentes ou melhorar as condições d'um asylo de beneficencia, levam-se á scena comedias e dramas cheios de ditos pornographicos e de tendencias pouco santas em todos os sentidos, e até touradas se tem dado com esse fim, o que é altamente censuravel.

Aparte o que tem de desordenado o procedimento dos organisadores de semelhantes festas, é um aggravado que fazem aos catholicos, dizendo claramente que nada esperam da sua generosidade, do seu desprendimento e do seu espirito religioso.

Attribuimos o procedimento dos que assim procedem mais á ligeireza e á irreflexão do que á má fé. Por isso pomos de atalaya os catholicos contra a invasão d'este costume, e pedimos-lhes que protestem contra a crescente paganisação dos actos que deviam ser inspirados pela religião e pela fé.



Estatua de Joanna d'Arc

CONTROVERSIAS

Jesuitas e liberaes

III

Causas e effectos

A questão Calmon tornou-se mais grave, por que, como dissemos, foi um pretexto.

Mas, para o ser, foi mister aproveitar as circumstancias, que revestiram o caso.

Diziam os gazeteiros, que D. Rosa viria a ter uma riqueza enorme e que por isso foi cubigada pelos jesuitas, para estes augmentarem os seus haveres.

Aqui é preciso, que meditemos um pouco. E, se o leitor usa de rapé, sorva uma longa pitada antes de entrar no assumpto.

D. Rosa viria a ter uma grande riqueza. Não a possuía ainda. Ora, se a não possuía, não era uma coisa positiva.

Porque havia de ter essa grande fortuna?

Porque o pae era muito rico.

Quem o póde affirmar? Quem contou o dinheiro do Dr. Calmon? Quem obteve documentos, que provem essa riqueza?

Demais, aquelle individuo não tinha só esta filha. Tinha mais dois ou tres filhos e bem se sabe, que d'uma casa, ainda que seja muito grande, repartida por muitos, pouco póde caber a cada um.

E para reforçar este argumento, diz o velho dictado, que, quem tem muitos filhos, é pobre.

Alem d'isso, se D. Rosa se recolhia a um convento contra vontade do pae, este tinha muitos meios de prejudicar a filha na herança, ou illudindo a lei, por um contracto simulado, ou privando-a da terça do casal.

E quem póde affiançar, que o Dr. Calmon não gastaria todos os seus haveres e, quando morresse, nem D. Rosa nem os outros filhos tivessem coisa alguma da legitima paterna?

No entanto, sabe-se, perfeitamente, que os haveres do Dr. Calmon não constituíam uma riqueza fabulosa.

E, se a constituíssem, não lhe seria mister o estar exercendo fóra da sua terra um emprego, ainda que de alguma importancia.

Tambem se disse, que D. Rosa viria a ser muito rica, pela herança de uma tia.

Diz o velho dictado que, quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço.

Ninguém poderia ter a certeza, de que a tal tia não mudasse de tenções, especialmente, vendo que D. Rosa seguia uma resolução contraria á do pae e tambem ninguem póde affirmar, que a tal tia não fosse capaz de gastar todos os seus haveres, e nada deixar a esta ou a qualquer pessoa. Tambem ninguem póde affirmar, que D. Rosa morresse antes do pae ou da tia, ou antes de ambos, ou que estes ainda tivessem uma longa vida.

Tudo isso foi um conjuncto de mentiras, armadas para fins, convenientes aos impios e aos jornalistas gananciosos.

E tanto, que a propria D. Rosa Calmon assignou e mandou publicar uma carta, em que declarava positivamente, que não esperava receber herança alguma e que de bom grado a cederia a quem a quizesse.

Mas os jornalistas e os especuladores de casos, como este, não queriam confessar a verdade, ou, como vulgarmente se diz, não queriam dar a mão á palmatoria. Os muitos dez reis da venda dos jornaes, davam (como deram) muitos contos de réis de ganho. Por isso os jornalistas não voltaram com a sua palavra atraz, teimaram e tornaram a teimar, e depois não lamentavam sómente, que

os jesuitas quizessem roubar a tal herança, mas que uma joven (de quasi trinta e tres annos), bella e interessante, talentosa e sympathica se deixasse arrastar para esses antros ou coios jesuiticos, como agora se diz em linguagem mais delicada.

Não sabemos, se a tal joven (de quasi trinta e tres annos) tem as qualidades moraes, intellectuaes e physicas, tão apregoadas pelos inimigos dos jesuitas e, por tanto, pelos amigos da liberdade, mas, entende se, liberdade-egoista, liberdade-monopolio, liberdade só para taes pregoeiros e para outros que taes. como elles.

Supponhamos, porém, que a tal Snr.^a D. Rosa, em vez de pretender ir para um convento, fugia para casa de um d'esses jornalistas, que prégam moral e que rezeiam sempre a immoralidade dos jesuitas.

Ou nada se diria, ou não faltaria quem dissesse, que esse jornalista é um homem fino, esperto e muito pandego, pois assim poude arranjar uma pequena tão boa, e tão rica, e tão intelligente, que já se aborrecia de estar sujeita a aturar os paes e os irmãos.

O plano já estava formado. Já muito tempo antes, os jornaes anti-catholicos traziam em gordos caracteres: Cumpram-se as leis de Pombal e de Aguiar.

E bem se vê, que tudo isto foi uma combinação para haver um ensejo para o barulho, que ahi se fez.

O Dr. Calmon combinou-se com a maçonaria. Acompanhou a filha á missa e lá já estavam certos agentes maçonicos. Armou-se algazarra. A filha refugiou-se n'uma sege, onde foi conduzida para casa de uma familia respeitavel. O pae exclamava, que os jesuitas lhe tinham roubado a filha. O povo, comprado e prevenido para fazer motim, aproveitou a occasião e gritou, quebrou vidraças, espancou cidadãos inermes e pouco faltou para assassinar quantos clerigos encontrava.

Estas demonstrações de impiedade e de antipathia aos institutos religiosos alastraram-se por todo o paiz e não faltou quem as approvasse e applaudisse.

Soffreram os habitantes de muitos collegios e de casas, que tinham mais ou menos apparencia religiosa. Muitos dos respectivos edificios ficaram prejudicados. E, note-se, alguns d'estes e os seus habitantes ou os seus proprietarios nada tinham com a questão da tal D. Rosa.

Em algumas terras, nenhum clerigo podia ir á rua e na propria habitação nem tinha segura a fazenda nem a vida!

Individuos seculares, indifferentes á questão, mas serios e amantes da ordem e dedicados á causa da religião, soffreram crueis tratos e graves prejuizos em seus haveres. Se algum clerigo ia prégar a qualquer localidade, era acoimado de jesuita; e a festividade, em que pregasse, era o effecto de jesuiticas manobras.

Mas para que havemos de recordar scenas tão tristes e tão sabidas?

Para que havemos de desenrolar mais este sudario de vergonhas, que desacreditam o nosso paiz e seriam reprovasdas entre os povos mais selvagens?

Passemos a outra parte, que é um dos pontos mais interessantes d'este assumpto.

UM CATHOLICO

LITTERATURA

Satyra á duellomania

O sr. M. A. Lamouillée ao sr. Fabian de Pitaval, jornalista: Acabo de receber um numero do jornal *O Independente*, no qual li, com tanta surpresa como indignação, as accusações que V. formúla contra mim. Pretende V.

que, depois de ter sequestrado minha sogra por espaço de muitos annos, tendo-a occulta em minha casa, a obriguei a escrever varios romances historicos, dos quaes V. chega a citar os titulos. Nunca se levou a calumnia a tal extremo. Por tanto, envio a V. dois dos meus melhores amigos encarregados de pedir a V. uma reparação por meio das armas.—*A. Lamouillée.*

—*A. M. H. Lamouillée:* Nosso querido amigo: Segundo o que V. nos expôz, apresentamo-nos esta manhã em casa do sr. Pitaval, o qual nos respondeu que não julgava ter ultrapassado os seus direitos e que se negava a dar toda a especie de satisfações. Em vista d'esta attitude, retiramo-nos de casa do sr. Pitaval, considerando, desde logo, terminada a nossa missão.—*O commandante Agel.*—*Apolinar de Flavinsky.*

—*Lamouillée aos seus padrinhos:* Nada d'isso, senhores. Voltem immediatamente a casa de Pitaval. Isto não pode ficar assim. Necessito do sangue d'esse homem!

—*Ao commandante Agel e a Apolinar Flavinsky:* Visto que os senhores se empenham em avistar-se com dois amigos meus, Julio Langloiran e Alfredo de Roudache terão a honra de os esperar esta tarde, ás seis horas, no café do Helder.—*Fabian de Pitaval.*

—*A. M. H. Lamouillée:* Nosso querido amigo: Sabemos dolorosamente impressionados da nossa entrevista com os padrinhos de Pitaval. Estes cavalleiros negam-lhe o papel de offendido, affirmando, não sem alguns visos de razão, que o tratou como calumniador, ultrage muito superior ao que se pode imputar a elle. Os nossos esforços para os convencer do contrario foram inuteis. Apenas se prestam em confiar á sorte o escolha de armas. Mas não quizemos aceitar esta condição sem o consultar previamente e sem sabermos até que ponto podemos considerar terminada a nossa missão.—*O commandante Agel.*—*Apolinar de Flavinsky.*

—*H. Lamouillée aos seus padrinhos:* Não sou eu o offendido? Que sou eu, então? Depois de me ter ferido d'um modo cruel no mais intimo dos meus affectos e na minha honra de escriptor, digna-se o sr. Pitaval esquecer os meus erros e abandonar á sorte a escolha d'armas! Realmente não pode haver maior rasgo de magnanimidade. Parece mentira que os senhores se atrevessem a comunicar-me tão absurda noticia! Pois bem: tanta pressa tenho em lavar a affronta que soffri, que estou por tudo quanto quizer o senhor Pitaval. Está satisfeito o meu adversario? Queria mais alguma coisa de mim? Quer que lhe entregue o meu relógio?—*H. L.*

—*Apolinar de Flavinsky a H. Lamouillée:* Escreve-lhe profundamente commovido. A questão com o sr. Pitaval seguia o seu regular curso quando subitamente os seus padrinhos me recusaram por eu ser polaco. Considero esse facto como uma offensa, de que me vingarei opportunamente, logo que tenha terminado o lance em que estamos envolvidos. Em vista do que occorreu, tenha a bondade de me substituir e esteja certo do affecto que lhe dedica o seu bom amigo, *Apolinar Flavinsky.*

—*A. M. H. Lamouillée:* Querido amigo: O sr. Jumiégue e eu (o sr. Jumiégue como substituto do sr. Flavinsky) avistamo-nos com os padrinhos do sr. Pitaval. A sorte designou a pistola como arma de combate. Colocar-se-hão a trinta passos de distancia e dispararão á vontade, depois d'um dos padrinhos ter dado as trez palmadas do estylo. Todavia ha uma difficuldade. O sr. Pitaval, receioso da perseguição da justiça, deseja que o duello se verifique na ilha da Sardenha, onde tem a sua familia a quem não vê ha muito tempo.—*O commandante Agel; Jumiégue, formado em direito.*

—*Lamouillée aos seus padrinhos:* Não quero ir á Sardenha porque essa proposta é destituída de senso commum.

Alem d'isso a viagem é muito cara e eu não posso sahir de Paris. Por consequencia, bater-nos-hemos nas immedições da capital. Para a Sardenha não vou, nem a tiro—*H. L.*

—*Agel e Jumiégue a H. Lamouillée.* Pois n'esse caso damos o dito por não dito. Sempre ás suas ordens.—*O Commandante Agel; Jumiégue, formado em direito.*

—*Lamouillée a seus padrinhos:* Meus caros padrinhos. Já estou á espera de que me digam: «... Temos que considerar a nossa missão por terminada.» Pois bem, conformo-me com isso e podem considerar terminada quando quizerem a missão que lhes confiei. Não estou para os aturar mais e abandono por completo a questão. Não reclamo já nada, comtanto que me deixem em paz. Não sou o offendido, não conheço Pitaval, não li nenhum dos seus artigos. Adeus, senhores, e muito obrigado pelos seus favores. Visital-os-hei quando estiver mais tranquillo.—*H. Lamouillée.*

—*O commandante Agel e Jumiégue, licenciado em direito, a M. H. Lamouillée.*—Abstendo nos de commentar a extravagancia e rudeza da sua extemporanea determinação, vamos dar mais uma prova do affecto que lhe dedicamos. Os representantes do sr. Pitaval, desejosos de pôr a coberto a sua responsabilidade e a nossa, supplicaram que nos reunissemos pela ultima vez, para redigir uma acta, de que incluso enviamos copia.—*O commandante Agel, Jumiégue.*

—Os abaixo assignados, testemunhas dos snrs. Lamouillée e Pitaval, declaram de commum accordo que o sr. Lamouillée depois de ter provocado a duello o sr. Pitaval, renunciou a obter satisfação dos pretendidos ataques dirigidos contra elle por este ultimo. Por consequencia as testemunhas resolvem que não é pössivel a realisação do projectado encontro. Feito em Paris, a 27 de abril de 1902.—*Commandante Agel, Roudache, Jumiégue, Langloiran.*

—*O commandante Agel a Lamouillée.*—Senhor: Já que terminou por um modo tão triste e vergenhoso o assumpto pendente com o valoroso Fabião Pitaval e suas dignissimas testemunhas, terá que tratar commigo d'uma questão pessoal, pelo ridiculo papel que me fez desempenhar em tudo isto. Ninguem zomba d'um militar como eu e por consequencia estou resolvido a pedir a v. uma satisfação por meio das armas. Esta mesma noite lhe enviarei os meus padrinhos.—*O commandante Agel.*

(Trad.)

CHARLES MONSELET.

DE TUDO UM POUCO

Um true policial

Esta scena passou-se na Russia, mas nem por isso deixa de ser uma bella historia para ensinamento das policias de varios paizes.

Um homem compra um cavallo por vinte rublos, paga-o, e diz ao vendedor que lh'o leve a casa. O vendedor assim faz, mas, quando entrega o cavallo, exige os vinte rublos, allegando que os não recebeu.

Debalde o comprador protesta, o outro insiste e a questão vae ao juiz da aldeia.

Este vê-se atrapalhado na decisão. Parece-lhe evidente que o comprador pagou e que o vendedor é um patife, mas não ha provas.

—Então você affirma que pagou os vinte rublos?

—E' a pura verdade.

—Tem testemunhas?

—Não senhor.

—Tem recibo?

—Tambem não.

—Então tenha paciencia, ficará sem o dinheiro.

Eu estou convencido que você tem razão, mas é impossível que o outro a não tenha também. Talvez elle perdesse o dinheiro, depois de o receber, que o mettesse nalgum sitio onde o não encontra. Em todo caso não lhe posso valer. Mas, como você me parece homem honrado, a quem hão de fazer muita falta os vinte rublos que tem de dar outra vez, proponho que se abra entre nós uma subscripção para o indemnizar um pouco.

Eu dou cinco rublos.

E voltando-se para o vendedor, accrescentou:

—E você dá alguma coisa?

—Dou, sim senhor, disse o homem generosamente, dou trez rublos.

E estendeu uma nota ao juiz.

Este olhou para ella, e de repente soltou um grito:

—Pouca vergonha! Esta nota é falsa. Prendam este homem!

—Falsa! exclama o homem atrapalhadissimo, não pode ser!

—E' falsa, repito. Hei de o mandar para a Siberia.

—O' senhor juiz, eu não sou moedeiro falso.

—Então quem lhe deu esta nota? Diga.

O homem atrapalha-se, balbucia, mas afinal, vendo que o caso é serio, exclama:

—Pois co' a breca! Ir para a Siberia é que não. Quem me deu essa nota foi esse patife que ahi está quando me pagou o cavallo.

O juiz tranquillamente:

—Pois bem me parecia que elle já lhe tinha pago. Podem-se ir embora. A nota é excellente.

Calendario historico:

Outubro
15
1902

A 15 de outubro de 1765 nasceu o celebre imperador da Allemanha Frederico Guilherme IV. Ainda principe, acompanhou o seu pae nas guerras de 1813 a 1815 e entrou com o exercito alliado em Paris; depois d'essa campanha começou a ter intervenção nos negocios publicos, sendo elevado por seu pae ao Conselho do Estado.

No desempenho d'esse logar deu por varias vezes provas do seu bom coração e da sua clara intelligencia. Frederico Guilherme ao succeder a seu pae, iniciou o seu reinado com medidas de indulgencia e moderação; mas este procedimento não durou muito tempo porque a chamada «razão do estado» lhe impoz varias perseguições nos ultimos annos do seu reinado.

Em Julho de 1847 o rei da Prussia foi objecto d'uma tentativa de assassinio por parte do ex-burgomestre de Tscheli; em maio de 1850 um soldado, chamado Sefelges, tentou tambem contra a sua vida.

Todavia, o rei ponde escapar a estas tentativas e morreu de morte natural, depois d'uma agonia larga e tenaz, a 2 de janeiro de 1861.

Curiosidades:

Existe na Suissa, no valle do Muotte, uma gruta cuja entrada é tão baixa que é necessario arrastarmo-nos para penetrar n'ella.

Este verão occorreu a quatro habitantes de Zurich a ideia de a explorar. Munidos de viveres, de lanternas, de cordas e de ganchos, passaram trinta e seis horas percorrendo a gruta n'um comprimento de 1400 metros, descobrindo varias galerias, tres lagos e uma especie de salões, soberbamente revestidos de estalactites.

Depois visitou esta gruta um francez, o sr. Martel,

que emittou a hypothese de que na caverna devem existir tres andares. No mez passado voltaram a explora-la os quatro individuos de Zurich, que foram de opinião que é certa a supposição do sr. Martel, pois reconheceram já dois dos andares da gruta e propoem-se continuar as explorações.

Até agora o espaço visitado abrange um comprimento de 7900 metros. Por isso se pode dizer que é esta a maior gruta da Europa.

Trechos escolhidos:

Medito, scismo; em tom dolente,
O sino sóa Avé-Marias;

.....
Chimeras, sonhos, esperanças,
Tudo perpassa em turbilhão
Na minha mente, onde ha lembranças
A refferem em cachão...
E o peito meu, esphacelado,
Nem coração sente pulsar...
Só de harmonias impregnado,
Só a harmonia o fez vibrar
Ha tanto! ha tanto!—mas que importa?—
Mesmo descrente do porvir,
Acho nos sons ventura morta,
E em sons traduzo o meu sentir,
Medito, scismo; em tom plangente,
O sino sóa Ave-Marias...

GONÇALVES DE FREITAS.

*

Notas de sciencia:

Conta-se que um chinico americano acaba de descobrir o meio de provocar em globos de vidro, onde se faz o vacuo por meio de machinas pneumaticas, determinadas reacções que produzem uma deslumbrante luz solar. Esta luz não consiste sómente, como poderíamos suppor, n'uma especie de phosphorescencia. O seu brilho é exactamente igual ao das alampadas electricas incandescentes. Pode, alem d'isso, fazer-se variar a sua intensidade por meio de globos mais ou menos volumosos.

Pensamentos:

Quem quizer advertir, e emendar um colerico em quanto estiver exaltada a sua colera, será muito semelhante áquelle que quizer apagar o fogo com azeite.

—Aquelles podem dizer, que sabem muito, que são discipulos em vida, para serem mestres depois da morte.

—Em todas as artes e em todas as sciencias e faculdades é necessario segurar os principios, porque sem elles é quasi impossivel não errar; mas quem tiver firme os principios, ainda que succeda errar, facilmente se pode reduzir ao verdadeiro caminho, tendo comsigo tão bôa guia.

Humorismos:

Um rapaz demittido do emprego publico gritava:

—O governo demittiu-me, mas isto ainda vae custar muito sangue.

—Então que projecta fazer?

—Vou estudar para cirurgião.

COLLABORAÇÃO

Vistas

E' innegavel que o estado religioso da Europa inspira-nos menos cuidado na edade media do que nos inspira hoje.

A sociedade respeitava, tinha ante os olhos as tradições gloriosas das diversas ordens religiosas; a nobreza, o clero, o povo admirava o viver perfeito e justo d'um grande numero d'anachoretas.

Então um desgano no mundo, o ondear vehemente d'um coração, que sentiu mallogradas as suas lisongeiras esperanças, ia acalmar-se, d'um modo heroico, na paz de um solitario e musgoso convento. Assim vegetavam os povos á sombra benefica da Igreja.

Viviam, é verdade, rudemente agitados pelas tempestades da guerra; o peito dos luctadores arquejava muitas vezes com a ferocidade propria dos filhos do norte, mas o seu pensamento buscava sempre apoiar-se ao centro do Christianismo.

Tempo chegou, em que esta parte mais civilisada da terra se absorveu na luminosa ideia de Francisco de Assis. Porém, de seculo em seculo, lá vinham, já tentando impôr-se, essas intelligencias desorientadas e errantes, quaes pequenas nuvens que vagueiavam no ceu da humanidade.

Chega finalmente o seculo XVI. Então a historia firma nas suas paginas, com caracteres d'ouro, o facto brilhante da renascença e marca tambem, com letras de sangue, o acontecimento da revolução religiosa.

Assim como uma era de gloria, assim outra foi d'humilhação. «Memento te esse mortalem» soava aos ouvidos dos capitães entrando em Roma no seu carro triumphal: o mesmo, n'estas tristes memorias, repete a historia á humanidade no meio de suas grandezas.

Os povos estavam, porém, mais civilisados e tinham estreitado as suas relações politicas. Homens, só diversos nas condições, tinham combatido nas plagas do oriente á sombra da mesma cruz.

As sciencias popularisavam-se, favorecidas pela invenção da imprensa.

A marcha progressiva do espirito humano manifestava-se no apparecimento das obras de Camões, Tasso, Vega, Shakspeare, Angelo, Rubens e Raphael. Eram productos originaes; e ali onde havia o cunho da originalidade, ali estava tambem o caracter do progresso.

Então, bafejada por estas amenas auras, surgiu uma nova classe de sabios eremitas. Vinha modificada pelo lado da convivencia com os povos; meia solitaria, meia social, tinha um pé na cella outro no mundo. Foi a ideia de Ignacio, o heroe de Pamplona. Era o que se requeria em face do protestantismo.

Foram entretanto decorrendo os tempos. A Igreja viu, como na sua origem, repetirem-se os ataques dos philosophos.

Rebentou a revolução franceza; succedem os delirios dos seduzidos por esses illustres impios; presenciam-se o escandalo de Notre-Dame. Eis a que chegára a sua razão. A fazer-se deusa! Era ainda o velho e infeliz erro d'Eva; era agora o progresso d'esses falsos progressistas. Depois, rapido como um relampago, veio Napoleão como que a purificar por meio das armas esta atmospheria doentia. Tinha-se restabelecido a ordem.

Vejamos o que houve de novo pelo lado da conservação moral.

A maior ordem, que se fundára, tinha de se occupar mais de sciencia, do que de contemplação; ensinava o povo, vivendo quasi no meio d'elle. Porém, já não se ouviu alguma voz chamando a recolher, como foi a do cortezão de Loyola.

Onde está, pois, agora o soccorro do genero humano? Eil-o, muito mais sensivel; ali temos os favores divinos no meio das nações mais civilisadas, ali temos a decantada Lourdes. Parece que Deus teve em vista a superioridade das condições moraes d'esta epocha e a inferioridade das materiaes, que vinham, cada vez menos a favôr do

homem, lá desde a culpa do Eden. A maior notabilidade d'agora é uma illustre hebrêa, é Maria, a mãe de Jesus, que sára os doentes e convivera com Bernardette. Os beneficios corporaes concedidos n'aquelle torrão da França meridional são tantos, como as curas ali realisadas. Porém, o maior beneficio espiritual que nós, catholicos, recebemos por meio d'aquelles factos é, sem duvida, a força moral, em presença dos adversarios. Sim; esses factos não se realisam em presença de poucos, mas em publico, para bem do mesmo.

Por isso, quando os mais animosos d'entre nós, por occasião da ultima investida ás congregações e á religião, se constituiram, como valentes soldados, em centros nacionaes, formando assim quadrado deante dos inimigos, bem mostraram que, com os seus directores á frente, estavam dispostos a lutar pela felicidade do individuo, das familias, da patria e da religião.

Foi um acto digno d'homens serios e probos, um acto illustre pelo lado politico e religioso. Pelo lado scientifico, tambem não são desagradaveis as esperanças.

Hoje o amôr do estudo é accentuado; reconhece-se a necessidade de bons professores e as leis parecem velar mais pela instrucção. A ideia da reforma dos Lyceus foi de muita conveniencia. Obrigava a estudar alli, era rigorosa... Embora!... Toda a palavra que não é dicta de cadeira não é de mestre.

O modo como ella vae proporcionando gradualmente aos jovens estudantes o que ha de mais facil em todas as disciplinas até ao mais difficil é o mais conforme com uma intelligencia que se vai desenvolvendo com os annos. Ordinariamente a vista intellectual do homem vae podendo alcançar, com a idade, a igual distancia em todas as sciencias. Assim os principios de cada disciplina irão esclarecendo os d'outra pelas suas mutuas relações e o espirito dos alumnos chegará mais longe, do que chegaria se estudassem uma sciencia após outra.

Elles saberão orientar-se no campo da argumentação.

Ilustrar-se ha, com este modo d'ensinar, o proprio corpo docente.

A philosophia ver-se ha desembaraçada d'algumas imperfeições e posta em perfeita conformidade com as sciencias experimentaes. As opiniões cederão lugar á certeza; faremos na nossa mente uma equação das verdades comuns das sciencias e obteremos um conhecimento mathematico das coisas que estudamos.

D'este modo, por meio d'uma methodica classificação dos conhecimentos humanos, organisaremos uma engrenagem scientifica, um ariete intellectual ao qual de modo algum poderão resistir os mais fortes argumentos dos adversarios. Estes não terão por si nem a razão, nem a experiencia.

—
EVARISTO MARTINS D'OLIVEIRA

Quem não te elegerá sua advogada
Junto de Deus ao throno soberano,
O' Virgem, se a ninguem ser póde arcano
Que estás de amor por nós toda abrazada?

Misericordia aos miseros é dada
A rogo teu potente, sob'r'humano,
Caudal graça ao ingrato ser humano,
Perdão á arrependida alma culpada.

Lá no céo lograr vão gozos divinos
Os terrenos; na bemaventurança
Os humildes entoar sublimes hymnos.

Levas nautas afflictos á bonança,
A' patria verdadeira os peregrinos,
Porque és tu dos christãos toda a esperança-

A. MOREIRA BELLO

CHRONICA SOCIAL

Ligas e associações

Tendo terminado a publicação do bello estudo que, com o titulo de *O «Wolkverein»—Liga d'acção social*, publicamos em consecutivos numeros da nossa revista, começamos hoje a publicação d'um outro não menos importante. E' a versão do importante trabalho *Liges et associations*, da penna do brilhante escriptor Marx Turmann, illustre democ:ata-christão, cujas obras teem tido, por mais d'uma vez, a honra de serem abençoadas por Sua Santidade. A consideração d'este facto dispensa-nos mais extensos encomios ao valor da obra que, em traducção portugueza, vamos offerecer aos nossos leitores.

Queremos fallar aos nossos leitores d'uma liga que elles certamente conhecem de nome, mas sobre a qual não possuem, talvez, algumas informações supplementares.

Não é d'uma liga eleitoral que se trata. Apesar d'isso, os seus fundadores e adherentes visam tambem a um alto fim social.

Segundo a nossa opinião, essa liga apenas tem um defeito; é o de não fazer um sufficiente reclame em volta da sua collectividade, que merece receber as sympathias e a collaboração de todos os cidadãos desejosos da paz publica.

Effectivamente, a *Ligue du coin de terre et du foyer* propõe-se facilitar o accesso do maior numero á propriedade e, alem d'isso, desejaria assegurar a cada francez um minimo de bens inalienaveis que lhe permittiria fundar uma familia estavel e prospera.

O titulo da associação revela, de resto, quaes são os seus intentos. Este nome de *Ligue du coin de terre et du foyer* não vale, só por si, todo um programma?

Todavia não é inutil precisar, com mais nitidez, o que a liga offerece, e esta precisão encontramol-a nos seus proprios estatutos.

A liga, dizem elles, tem por fim estudar, propagar e realisar pelos meios ao seu alcance todas as medidas proprias a estabecer a familia sobre a sua base natural, que é a posse da terra e do lar.

No numero d'estas medidas comprehendem-se principalmente estas:

1.º As que teem por fim assegurar o disfructe permanente da propriedade d'uma porção de terra por cultivar e uma habitação conveniente para toda a familia honesta e laboriosa.

2.º Sustentar as sociedades para a construcção de habitações operarias por baixo preço e as cooperativas que teem o mesmo fim.

3.º Levantar as obras e as instituições privadas de caridade ou de assistencia publica a procurar aos seus assistidos um canto de terra inalienavel e a facilitar-lhes a aquisição d'uma casa.

4.º Obrigar o Estado, os departamentos e as communas a perseguir o mesmo fim, no uso dos seus direitos.

5.º Favorecer todas as doações ou legados, offertas e obras semelhantes.

6.º Reclamar a approvação de leis declarando inalienavel e isempto do imposto uma propriedade de familia, com um minimum de extensão, e facilitando a aquisição, conservação e transmissão d'este bem.

7.º Constituir caixas de aluguer.

8.º Intervir junto dos poderes publicos para obter regulamentos conformes á hygiene e á moral na questão da construcção de casas para operarios.

Não tinhamos nós rasão em dizer, ha pouco, que esta

liga merece toda a nossa sympathia? A exposição mais pormenorizada do fim que a liga expõe aos esforços dos seus adherentes basta, parece-nos, para estabelecer que «um catholico social» não pode recusar-lhe a approvação — e accrescentaremos mais, a sua activa adhesão. Isto parece-nos tão evidente que não julgamos necessario insistir.

Mas vamos mais longe: esta associação devia obter o apoio effectivo de todos os que, sem serem «sociaes catholicos» se preocupam todavia com os progressos ameaçadores do collectivismo revolucionario.

Para deter a propaganda triumphal das theorias subversivas, não ha melhor meio que a diffusão da pequena propriedade, facilitando e conservando a vida familiar.

Este ponto de vista foi notavelmente posto em foco pelo dedicado e popular fundador da *Liga do canto de terra e do lar*, n'um discurso que pronunciou em Bruxellas, no decorrer d'uma reunião presidida por M. Beermet, o eminente catholico belga.

Eis, com effecto, o que dizia o abbade Lemire, depois de ter enumerado certas reformas sociaes, recentemente realisadas em favor da classe operaria: «... Não sei meus senhores, se isto é sufficiente para tranquillisar a consciencia da nossa sociedade civilisada. Mas o que eu sei muito bem é que hoje existem mais gritos de colera do que outr'ora, quando se era pobre, e que não é nos paizes em que os salarios são menos elevados que se ouvem mais queixas. Nos nossos campos ganha-se menos que nas nossas cidades, é-se peor alimentado, não se conhece o luxo; e as récriminações são ahi menos frequentes e menos amargas. Porquê? Porque os nossos camponezes conservaram o espirito de familia, e o abrigo familiar. Teem umas geiras de terra e uma casa.»

(Continua)

APRECIACÕES DA IMPRENSA

"Origens do Socialismo,"

De *La Integridad*, de Tuy:

«Hemos recibido un ejemplar de la obrita *Origens do socialismo*, que dió á luz el distinguido é ilustrado redactor de *A Palavra*, excelente diario católico de Oporto, Gomes dos Santos.

Hemos hojeado la obrita, que trata de tan palpitante cuestión, y en verdad que nos agradó mucho por la sencillez de estilo que en ella campea y por los muchos datos que suministra acerca de los precursores y fundadores del socialismo.

Si el señor Gomes dos Santos no tuviera ya acreditada fama de tratar con suma claridad, con concienzudo estudio y con recta crítica las cuestiones sociales, bastaria el nuevo libro *Origens do socialismo* para conquistarla.

Mucho agradecemos al distinguido periodista lusitano el ejemplar que nos ha remitido y la atentísima dedicatória que en él ha escrito para LA INTEGRIDAD.»

D'A *Cruzada*, de Villa Real:

«**Origens do Socialismo**—Com este titulo publicou-se um opusculo de 66 paginas de que nos foi enviado um exemplar. E' um livrinho de muito merecimento e onde o seu auctor, o sr. Gomes dos Santos, evidencia muitos conhecimentos e estudo aprofundado do assumpto que tracta. A sua leitura é agradável e instructiva e porisso aconselhamos, certos de que prestamos um bom serviço a todos os que se interessam na momentosa questão do Socialismo»



Atravez do deserto

O livro, de que fallamos, foi publicado pelo editor sr. José Fructuoso da Fonseca, a quem devem ser feitos quaesquer pedidos, e custa apenas 150 reis.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.»

D'A *Mala da Europa*, de Lisboa:

«**Origens do socialismo**, por *Gomes dos Santos*. —Elegantissimo opusculo, em que são proficientemente estudadas e tratadas as modernas questões sociaes. Editor, José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74, Porto. Preço, 150 réis fortes.»

Da *Revista Catholica*, de Vizeu:

«**Origens do Socialismo**. —Do nosso presado collega da «Palavra» —Gomes dos Santos— recebemos este livrinho, de summo valor, por abordar uma questão sobre a qual pouco se tem escripto entre nós. Gomes dos San-

tos, que conhece bem estas questões, trata-as com mão de mestre.

Recommendamos sinceramente este livrinho a quem se interessa pelo bem do operariado.»

D'A *Nação*, de Lisboa:

«Gentilmente offerecido pelo auctor, o nosso presado collega da *Palavra*, Gomes dos Santos, recebemos o seu ultimo trabalho *Origens do Socialismo*, ao qual nos havemos de referir, como é de dever, n'um dos proximos numeros.»

AS NOSSAS GRAVURAS

Estatua de Joanna d'Arc

A celebre heroína da velha Gália, que salvou o seu paiz da invasão dos inglezes, tem uma memoria honrada e rehabilitada.

Ella, que pelo nascimento parecia estar destinada a nunca sahir da humilde situação de camponeza, encheu uma das mais brilhantes paginas da historia de França.

A estatua que apresentamos em gravura é a que se ergue em Compiègne. Representa a extraordinaria heroína marchando contra os inglezes, com a flamula desfraldada.

Atravez do deserto

Essa pobre mãe que caminha atravez do deserto, conduzindo seu filho, tem nos olhos uma expressão celestial.

Confia em Deus, na sua estrella propicia que a ha de levar a porto de salvamento.

E as fadigas da viagem são nada quando se tem a alma cheia de fé e o coração cheio de esperança.

Deus a proteja e a acompanhe até ao termo da sua jornada.

RETROSPECTO DE QUINZENA

Interior

Um pedido vimos hoje fazer aos nossos presados amigos e colaboradores e é que não nos remetam materia impropria d'esta revista, porque, com grande desgosto nosso, não a publicaremos. Recebemos por vezes correspondencias, que não teem cabimento n'uma revista; abaixo publicamos uma de Macedo de Cavalleiros, reduzida ao indispensavel e que melhor teria sido publicada em qualquer jornal. O *Progresso Catholico* não é um jornal noticioso; é uma revista e tem por isso indole differente. Os trechos da correspondencia que abaixo publicamos, sem exemplo, são os ultimos de tal materia, porque não podemos estar a sacrificar o espaço da nossa revista com artigos que n'ella estão deslocados.

«Devido ao desvelo desmedido de todos os zeladores d'aquella sympathica associação, especialmente aos Ex.^{mos} Snrs. João Carlos da Costa, Francisco de Mattos e ao dignissimo Director P.^o João Valentim Rodrigues Valente, promovem-se este anno, ao Amantissimo Coração de Jesus uma festasinha, que, apezar das difficuldades e insufficiencia de recursos, primou pela enorme concorrência de fieis e bem assim pela maneira digna com que se houveram todos os zeladores e zeladoras de tão bella associação.

Para presidir a esta festa foram convidados dois missionarios sendo-nos enviados, graças ao Ceu, os Ill.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs. Fr. Manuel Alves e seu companheiro Lourenço que se hospedaram em casa do nobre proprietario d'esta villa José Lazado. A missão começou no dia 11 do corrente mez, subindo ao pulpito n'esse dia, pelas 7 horas da tarde o Rev. Fr. Manuel Alves pregando no dia seguinte o Rev. Fr. Lourenço e assim alternadamente até dia 15. Logo no dia 1.^o o templo encontrava-se repleto de fieis, e muito principalmente nos dias seguintes em que a noticia se propagou pelas povoações circumvisinhas. Então destacava-se um agradável espectáculo vendo massas compactas de gente que fervorosas affluíam a ouvirem o Verbum Dei. E quantas consciencias feridas pelo agulhão do remorsos viriam crystallisar-se aos pés d'aquelles virtuosos missionarios a quem o liberalismo portuguez tem feito guerra aberta?! Oh pobres liberaes que não comprehendes a acção benéfica e efficaz d'esses pregoeiros do Evangelho...

Domingo á tarde subiu ao pulpito o Snr. Fr. Manuel Alves que tomou para thema da pratica as seguintes pa-

lavras—Ego sum Deus tuus et non sabetis deos alienos—mostrando da maneira mais cathogorica a existencia de Deus e dos seus divinos attributos, e bem assim a necessidade que temos de evitar o mal visto, elle, em virtude da sua immensidade, estar presente a todos os momentos do tempo e a todos os logares do espaço.

Segunda-feira 14, Macedo de Cavalleiros offerencia um quadro encantador e deveras agradável. Não era o fluctuar alegre das bandeiras nem o crepitante estrondar dos foguetes; nem na vespera se ouviram as harmonias das musicas, nem se fizeram pomposos programas!... Era o afervorar das creanças que, por entre as suas niveas vestes deixavam entrever a doçura d'uma alma candida e o brilho d'uma graça infantil. Que fazem ellas? Sigamol-as, La entram no templo despido de colgaduras, e pobre em artificio, cantando versos á Virgem, acompanhadas por uma incommensuravel multidão de fieis Approximam-se da Mesa Eucharistica; todavia antes de commungarem subiu ao pulpito o Rev. Fr. Lourenço, que lhes fez uma tocante pratica. Em seguida procedeu-se á communhão geral, approximando-so da SS. Eucharistia mais de 400 pessoas!

Pouco depois houve missa cantada a grande instrumental, pela distincta phylarmonica da villa, que, como era de prever bem se desempenhou do seu encargo. Ao Evangelho subiu ao pulpito o incansavel e eximio missicario Fr. Manuel Alves, que desenvolvendo os seus dotes oratorios discursou acerca do amôr d'um Deus Sacramentado para com a humanidade cujo amor se compendia na presença real no augusto Sacramento da Eucharistia. Finda a missa procedeu-se a a procissão, sendo o SS. levado de baixo do pallio pelo Rev. Clero que de fóra veio abrilhantar esta festividade; via-se depois o andor da Virgem ricamente ornamentado; atraz e como guarda d'honra iam os anjinhos que alternadamente tinham acompanhado os meninos a receberem a sagrada formula; via-se depois a cruz matriz precedida por duas formosas alas de meninas, vestidas de Virgens, com as suas alvissimas vestes a emoldurarem-lhe os innocentes rostos e corôados por grinaldas de flores.

Adiante da cruz marchavam duas alas de meninos, vestindo as opas do SS. Coração de Jesus cuja bandeira abria a procissão. Durante este solemnissimo acto executou a philarmonica, admiravelmente duas lindas marchas graves do seu tão variado repertorio. Finda a procissão houve benção com SS. Sacramento durante a qual a philarmonica, sempre incansavel, tocou o hymno da carta.

No dia seguinte ao alvorecer lá estavam na Egreja os dois bons missionarios e depois de sacrificarem a Victima Sagrada, lá vão incansaveis para o confessionario, d'onde só sahiram depois que reconheceram que já não havia quem desejasse confessar-se. Seguidamente á benção dos rozarios e estampas houve a consagração dos zeladoras e zeladores ao Amantissimo Coração de Jesus, acto edificantissimo e admiravelmente bello que faria commover o coração mais duro. Depois d'este acto devéras arrebatador o Fr. Manuel Alves fez uma breve e curta allocução, pedindo perdão de todas as faltas por elles cometidas, e ao retirar-se do altar viam-se as lagrimas de saudade assomarem aos olhos de todos.»

—Lemos no nosso presado collega *A Palavra*:

«Consta-nos que o sr. dr. Quirino Avelino de Jesus abandona brevemente a direcção do nosso presado collega *Correio Nacional*.

Tal facto não importará mudança no modo de ser do brilhante jornal lisbonense, que continuará a lutar pelos seus antigos ideias e pelo nacionalismo, que já hoje se affirma politicamente como um partido de largo futuro, destinado a uma inilludivel victoria.»

Exterior

—O grão-mestre da maçonaria italiana, o judeu Nathan, aproveitou-se da festa commemorativa de 20 de setembro para pronunciar um discurso, no qual affirmou que o verdadeiro objecto da occupação de Roma foi o de adquirir maiores facilidades para «invadir as fronteiras espirituas da Igreja!»

O grão-mestre insistiu sobre a necessidade d'uma forte reacção maçónica, em vista dos progressos realizados pelas associações religiosas e do exito alcançado pelos catholicos nas eleições administrativas.

As escolas e as obras sociaes fundadas pelos catholicos, assim como as suas caixas ruraes, constituem, no conceito de Nathan, um perigo para a maçonaria italiana, perigo que poderá, se não fôr atalhado, esterilisar os resultados obtidos com a occupação de Roma.

Esperemos da união dos bons novas derrotas para o inimigo.

—Em Fontenay le-Comte realisou-se a assembleia geral da juventude catholica da Vendea. Mais de 20 grupos estavam representados e tomaram parte activa nas duas sessões. A questão da diffusão dos bons jornaes e de propaganda, a das Caixas Ruraes e a dos syndicatos profissionais foram minuciosamente tratadas.

A assembleia terminou por uma reunião geral de mais de 400 pessoas, na qual pronunciaram discursos os srs. José Denais e Jorge Piot, membros da comissão geral da associação catholica da mocidade franceza. Esses discursos, que foram calorosamente applaudidos, versaram sobre o progresso da associação e o dever do apostolado dos jovens catholicos.

—Ao recente congresso da democracia catholica em Mans (Belgica) assistiram os delegados de 752 sociedades, que tem 160:000 socios.

Ficou demonstrada a superioridade das associações de operarios christãos sobre as socialistas, porque estas, pela sua exaltação e pela sua mania de guerra ao capital, gastam em vão as suas energias.

—Sob o patronato do illustre poeta Coppée e de outros nacionalistas e realistas, trata-se de fundar em Paris uma Sociedade de Socorro Mutuo em favor do clero, para obviar á miseria dos seus socios, quando attingidos pelo roubo de indemnidades que Combes vem praticando.

Recebemos, em francez, o *Apello dos generaes boers ao mundo civilisado*, um vehemente documento em que se pede auxilio e protecção para os infelizes vencidos. A falta de espaço impede-nos que publiquemos esse documento na integra. Assignam o manifesto os generaes Botha, Dewet e Delarey.

—Accusamos a recepção do relatório e contas da direcção do Circulo Catholico dos Operarios de Braga e parecer do conselho fiscal.

Aquella prospera collectividade conta 915 socios ordinarios e 167 bemfeitores.

O movimento financeiro é lisonjeiro, pois que fechou o anno com um importante saldo, sendo a receita, durante o anno economico findo, de 1.163\$150 reis.

Em subsidios aos socios dispendeu-se 642\$000 reis.

—Recebemos o volume correspondente a julho da *Revista de Guimarães*, cujo summario é o seguinte:

I. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. Citania, por *F. Martins Sarmiento*, pag. 109.

II. Apontamentos para a historia do concelho de Guimarães. O architecto João Lopes d'Amorim, pelo *Abade Oliveira Guimarães*, pag. 120.—III Boletins, por *J. Gualdino Pereira*, pag. 132.

—*Diccionario Apologetico da fé catholica*—Está em distribuição mais um fasciculo d'este importante Diccionario, o numero 25.

Termina o segundo volume, que vem acompanhado do Indice e capa de brochura e dá principio ao terceiro.

Damos sinceros parabens ao editor pela regularidade estabelecida, que sem duvida muito terá contribuido para o augmento da assignatura.

O cuidado com que tem sido traduzida e revista, maior valor dá ao trabalho do erudito theologo J. B. Jaugey, que tem sido admirado por todo o mundo catholico, tendo merecido a approvação de quasi todos os Prelados.

E' este o maior elogio que podemos fazer.

Eis os principaes artigos contidos n'este fasciculo: *Immunitades Ecclesiasticas*, por J. B. Jaugey; *Imperios (Visão dos)*, *Imprensa* pelo Dr. J. Didiot. *Indice* por J. Forget. *Indulgencias (venda das)*, pelo P. Guilleux. *Infanticidio na China*.

—*Biblia Sagrada*—Publicou-se o fasciculo 52 d'esta magnifica publicação que vem, como sempre, muito interessante.

Insero duas formosas gravuras, dos mais laureados bureis da França.

Continua a assignar-se na Praça de D. Pedro, 116, 1.º e em todas as livrarias.

Cada tomo custa 300 reis e cada fasciculo, 60 reis.

—*Conferencias ecclesiasticas*—O benemerito editor d'esta cidade, o sr. Antonio Dourado, acaba de lançar no mercado mais um excellente volume, que é verdadeiramente indispensavel a todos os sacerdotes. As *conferencias ecclesiasticas*, do austero Bispo de Clermont, são uma obra do mais alto merito e de grande valor.

Andavam ellas traduzidas em portuguez pelo erudito Antonio José Viale, o fallecido academico que tanto illustrou as nossas lettras; mas a edição encontrava-se esgotada o que determinou o sr. dr. Padre Antonio Correia de Menezes, illustre professor do Collegio de S. Fiel, a preparar uma nova e mais completa edição.

Num elegante volume de quatrocentas paginas, de composição esmerada e nitida, appareceu agora a nova edição, melhor methodisada e escrupulosamente revista.

E' superfluo falar do contexto da obra; o assumpto versado a si proprio se recommenda. Massillon, o auctor das *Conferencias*, juntava á muita erudição e conhecimento das Sagradas Lettras uma solida piedade e uma forma academica.

Falaremos apenas das condições em que a obra pode ser adquirida. O sr Antonio Dourado quiz pôr o volume ao alcance de todos, e assim o seu preço é apenas de 800 reis, com o abatimento de 25 0/0 para os assignantes do *Diccionario Apologetico*. E' quasi um milagre editorial; porque o volume é enorme, impresso com muito escrupulo e em papel de superior qualidade.

O exito da obra tem sido grande, motivo porque recommendamos aos leitores a urgencia na aquisição do volume, antes que a edição se esgote.

—*Encyclopedia Portugueza Illustrada*.—Recebemos o fasciculo 199 d'este precioso dicionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 445 artigos e 23 figuras (*Ethico a Eugenia*). Como artigos principaes, citaremos: *Ethnographia* e *Ethnologia*, do snr. dr. Costa Ferreira, e *Ethylamina*, do snr. dr. Ferreira da Silva.

Continua a assignar-se este magnifico dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

ESTUDOS

A Imprensa

O jornal exerce uma hegemonia completa na civilização de hoje; ninguém desconhece este facto. A sua propaganda é a de maior effeito, de mais seguro resultado; e é ao jornal que recorre, de preferencia, quem tem a necessidade de se pôr em contacto com a multidão. Dotada de tão grande poder, de tão assombrosa influencia, a imprensa podia ser o mais seguro instrumento de todas as ideias generosas; mas quantas vezes preverte a sua missão, illudindo o seu publico, mentindo conscientemente no intuito exclusivo de procurar este ou aquelle resultado? Multiplicando-se todos os dias, crescendo, augmentando, desenvolvendo a sua esphera de acção, semeia indistinctamente o bem e o mal, serve os principios nobres e os principios injustos, faz-se propagandista da virtude ou do crime. Imagine-se, por um momento, toda essa força congregada para o bem comum da sociedade e calcule-se o que moralmente a humanidade teria a ganhar.

Prestando tantos serviços, sendo de tão grande utilidade, o jornal tem uma historia quasi ignorada. E' difficil hoje reconstitui-la, já porque ha duvidas sobre a existencia de certas tentativas na antiguidade, já porque é difficil fixar, com segurança, onde cômçca a historia do jornal, que, ao contrario do que geralmente se imagina, não é coevo da descoberta de Guttemberg. Encontramos, em diversas publicações, differentes notas avulsas sobre a historia do jornal e reunimol-as depois d'uma previa coordenação, n'esta obra que é inteiramente nova no nosso paiz e suppomos que no estrangeiro. Por quasi total carencia de elementos a historia do jornal pode contar-se em meia duzia de paginas; mas o leitor formaria uma ideia incompleta de que é essa instituição, se capitulos especiaes não o illucidassem sobre a natureza, função e mecanismo do jornal moderno, sobretudo na parte que se refere a Portugal. Obra escripta ao correr da penna, no intervallo de pesados trabalhos jornalisticos, vem satisfazer uma curiosidade legitima de muitos espiritos. Possa a intenção d'estas paginas fazer esquecer os demeritos do seu auctor.

I

Origem do jornal.—As taboas dos pontifices; o seu caracter.—As *Acta Diurna*.—Data da sua publicação.—Imperfeições do principio e progressivo desenvolvimento.—A exploração mercantil dos jornaes na antiguidade romana.—Julio Cesar e a imprensa.—Transformação das *Acta*.—A queda do imperio e suas consequencias.—No seculo XVI.—A quem cabe a gloria de ter fundado o primeiro jornal.—As *Nottizie scriptte*, as *Fogli d'avvisi* e as pretensões da Italia.—Na Inglaterra; descoberta de Chalmers.—Authenticidade de *The English Mercury*.—Em França; o apparecimento da *Gazette* fundada por Renaudot.—As pretensões da Allemanha.—Os banqueiros Fugger e as *Ordinari Zeitungen*.—O jornal na Hollanda.—O que existe nos archivos d'esta nação.—Resumindo: indicações sobre o apparecimento dos primeiros jornaes.—A curiosidade da epoca.—Instituição dos reporters.—Distincções entre periodicos; as gazetas, jornaes e mercurios.—O poder da imprensa.

A origem do jornal quasi que se perde na escuridão dos tempos. O jornal começou muito antes da arte typographica; mas é difficil indicar, com segurança, a sua origem. E' singular que todas as grandes descobertas, que interessam particularmente á humanidade, tenham ficado na historia com uma origem duvidosa. Para não citar outros factos, basta dizer que se ignora ainda a

quem se deve a descoberta do ferro⁽¹⁾; que a descoberta da polvora é attribuida d'uma maneira muito discutivel ao monge Schwartz; que a invenção dos caracteres moveis da imprensa e os prelos typographicos tem sido imputada, ora a Guttemberg, ora aos chinezes e que a estes povos do oriente asiatico se attribue tambem a invenção da bussola, apesar de muitas opiniões em contrarió.

Parece certo, todavia, que a descoberta do jornal se deve fixar na Europa. Eugene Hatin, n'uma lucida monographia,⁽²⁾ colloca a origem do jornal nos meados do periodo romano. Esta opinião é muito contestavel, porque não assenta em bases seguras Hatin abona a sua affirmacão no costume que os primeiros pontifices tinham de expôr no seu palacio umas taboas embranquecidas pelo processo rudimentar da epoca, taboas em que se escreviam com um estylete os principaes successos d'aquelle tempo, as lembranças e as ephemerides. Aquelle processo de escrever fôra trazido das civilizações orientaes e usava-se na Grecia e em Roma, que estavam elaborando, por sua vez, novas civilizações. O processo primitivo da escripta éra gravar os caracteres em taboas cobertas por uma camada de cêra; o instrumento de gravura era o estylete, que tinha a extremidade superior achatada, de modo a poder apagar a escripta e alisar novamente a superficie das taboas. Estava-se, como se vê, ainda muito longe do *papyrus*, o papel embryonario, de composição vegetal, que os egypcios, admiradores fieis de Iris e Osiris, inventaram. As taboas dos pontifices, das quaes se faz menção em documentos antiquissimos, eram expostas ao publico no atrio do palacio pontificio e a sua leitura a todos facultada. D'essa especie de annaes salvaram-se alguns para a posteridade; e esses restos ainda hoje constituem uma fonte historica muito apreciada pelos investigadores.

O nosso plano não permite mais largas indicações sobre este assumpto, porque, apesar da opinião de Hatin, estas taboas só muito difficilmente podem ser accetadas como inicio do jornal. Não tinham nenhum dos caracteres d'este; eram mais um kalendaio que um meio de informacão. Limitavam-se a dar as festas religiosas e a reproduzir, com muita raridade, um ou outro successo importante do tempo. Não possuíam nenhuma das características da imprensa.

Regeitada esta opinião,⁽³⁾ parece-nos que é licito fixar definitivamente a origem do jornal na publicação, em Roma, das formosas *Acta diurna*. A maioria dos escriptores que teem feito investigações sobre este assumpto attribuem ás *Acta* a qualidade de precursôras do jornal moderno. As *Acta* eram, a principio, uma especie de cartazes que se collocavam nos logares publicos mais frequentados de Roma, no cruzamento das ruas e sob os sumptuosos porticos das residencias dos ricos senhores romanos. A sua publicação não era tão regular como a das taboas dos pontifices que todos os dias se apagavam e se gravavam de novo com os successos mais recentes; mas tinham maior publicidade porque se multiplicavam e eram muito mais interessantes.

(1) A idade do ferro confunde-se na sua origem e om os tempos historicos. O que parece certo é que o ferro succedeu ao bronze, como este á pedra. A Biblia menciona Tubalcaim como o inventor do ferro; mas segundo os mais auctorizados theologos, este sentido não se impõe. A titulo de esclarecimento accrescentamos que Milloué faz remontar a descoberta do ferro ao anno 2222 antes da nossa era e que esse metal se encontra na base das pyramides do Egypto, o que permite considerar a sua invenção como anterior á construcção das pyramides.

(2) *Le journal*, volume da collecção *Bibliothèque Utile*.

(3) Ha ainda quem colloque a invenção do jornal nos tempos que se seguiram á tomada de Numancia. Mas nada justifica esta opinião.

O seu formato éra pequeno; o noticiario reduzidissimo e laconico; apesar d'essas imperfeições não deixavam de registrar os successos mais importantes. Averiguou-se que as *Acta* continham noticias sobre as execuções capitaes, os nascimentos, casamentos e obitos, as ephemerides notaveis do *Forum* que deviam enthusiasmar os corações patrioticos dos patricios, os funeraes das pessoas illustres e o programma dos jogos publicos, que constituíam o divertimento querido e popular dos gregos e dos romanos. Eram, como se vê, verdadeiros registros municipaes.

O primeiro anno da publicação das *Acta diurna*, segundo as mais conscienciosas investigações, foi em 623 da fundação de Roma. A principio a publicação éra restricta e os exemplares limitados. Estavam ainda por descobrir os caracteres moveis e o proprio papel, e quando o *papyrus* foi introduzido em Roma e aperfeiçoado, as *Acta* passaram a ser manuscriptas. Tiravam-se entre cem e duzentas copias d'essa publicação; depois o numero de exemplares augmentou; alguns ricos empregavam os seus escravos na copia das *Acta*, e faziam-nas espalhar por milhares de exemplares.

Os escravos estiveram por pouco tempo sobrecarregados com este novo genero de trabalho. O espirito commercial dos romanos, que mais do que os seus feitos guerreiros contribuiu talvez para elevar ao apogeu a civilisação romana, viu na exploração da industria nascente uma copiosa fonte de receita. Em breve se formaram companhias para explorar a venda d'esses jornaes embryonarios; faltam indicações sobre se a empreza deu bons resultados; mas tudo affirma que os lucros foram excellentes porque as *Acta* immediatamente se transformaram. Entregues a essas companhias as *Acta* tiveram uma maior publicidade, sendo enviadas até para as provincias mais afastadas e para os numerosos exercitos em campanha, que a ambição dos imperadores sustentava em toda a Europa. As copias tiravam-se já aos milhares; o formato tornou-se maior; o noticiario mais abundante e amplo e o interesse por essa publicação subiu de ponto entre os patricios.

(Continua)

EXPEDIENTE

Prevenimos todos os nossos illustres assignantes em debito que vamos mandar para as competentes estações postaes os recibos, e pedimos que logo que recebam aviso para satisfazer que o façam, para não nos obrigar a novas despezas.

O jornal não tem outra fonte de receita que não seja o pagamento em dia das assignaturas.

ANNUNCIOS

**José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA**

*Premiudo nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.

J. B. MASSILON. Bispo de Clermont

CONFERENCIAS ECCLESIASTICAS

Traduzidas do francez por **Antonio José Viale** e revistas pelo Padre **Antonio Corrêa de Menezes**, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, approvadas e recommendadas pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. ANTONIO, Bispo do Porto.

A' venda no escriptorio do editor **Antonio Dourado**, rua das Flores, 42-1.º andar, e em todas as livrarias.

GOMES DOS SANTOS

Origens do socialismo

PREÇO 150 REIS

A' venda na redacção d'**A Palavra**, na Typographia de José Fructuoso da Fonseca, Picaria, 74, e nas principaes livrarias.

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez de Novembro

Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto

1 vol. enc. 400 reis

Modo d'ouvir missa pelos defunctos

Preço—Enc., 160 reis.

CARTAS ENCYCLICAS

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

Está publicado o 5.º volume, contendo todas as Encyclicas publicadas até á presente data.

Preço d'este vol., 300 reis. Os cinco vol. 25300 réis.

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

Meditações para o seu mês ou para qualquer tempo do anno

com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indulgenciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol. enc. 300 réis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA — R. da Picaria, 74 — PORTO.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

Imitação de Christo. Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500. Em chagrin douradas 1\$000

Methodo de assistir ao Santo Sacrificio da Missa. Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», annotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 100 reis. Broch. 50

Bernadette — Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. 400

Flôres a S. José. Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escrituras, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada. 2.^a edição. Preço: encadernado 200

Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII — 5 vol. Broch. 2\$300. Enc. 3\$000

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral. 2 vol. broch. 2\$000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

Historia de Santa Chantal. 2 vol. enc. 2\$000

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Catecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 reis. Um exemplar. 20

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 10

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 10

Vida popular de S. Vicente de Paulo — pelo Padre Berlignier, conego honorario de Bordeus e Arcypreste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 250

O Apostolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Os milagres de Ludres e o seculo XIX—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus: Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

Oração funebre do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas solemnes execuções celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890. Preço. 250

Os Episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lasserre Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes — Obra prefaciada e vertida em portugez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

Defesa da crença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 500

Meditações para o mez de Maio pelo Padre Afonso Muzzarelli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Afonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch., 100 reis, enc. 160

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Srs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Jesuitas e mais alguma coisa. Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *grainha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., Broch. 200

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenário, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia — Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

Historia de S. Francisco de Sales pelo Marquez de Ségur. Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado 600

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Uma Visita a Lourdes pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães. 200 1 vol., broch.

A Mulher. Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., brochado 400

Relação Geral das freguezias da diocese do Porto. 1 vol., broch. 300

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.